

## “ANIMAL FARM”: UM OLHAR INTERARTÍSTICO ENTRE LITERATURA E CINEMA

Thainá Aparecida Ramos de Oliveira (UNEMAT) <sup>1</sup>

**Resumo:** A arte cinematográfica e a literária são espaços semióticos distintos, pois cada qual apresenta sua particularidade na maneira de narrar e perceber o mundo. É nesse contexto que o presente estudo procura analisar o livro *Animal Farm* de George Orwell em paralelo com as releituras fílmicas da obra. Dentre as adaptações encontradas, escolhemos trabalhar com uma animação dirigida o Joah Halas e Joy Batchelor em 1954 e a adaptação de John Stephenson no ano de 1999. Buscaremos compreender como as adaptações transpuseram a criticidade Orwelliana para o cenário audiovisual, considerando que cada releitura é um material diferente e recebe influências do contexto e local de produção.

**Palavras-chave:** *Animal Farm*; Literatura; cinema.

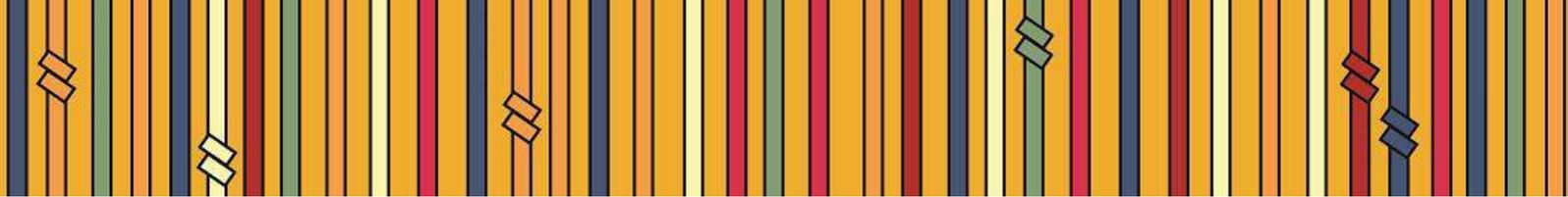
Quando pensamos na relação entre literatura e política é inegável a atuação de George Orwell nesse cenário, tendo em vista seus inúmeros escritos que discutem o diálogo entre a arte e o organismo social. Em diversos textos, como exemplo os inseridos no livro *Como morrem os pobres e outros ensaios* (2011), o autor demonstra enorme senso crítico em relação ao papel do escritor diante dos cenários ancorados por experiências políticas e sociais. As críticas são aqueles que não expressam a verdade enquanto tema para a escrita, isto é, apresentam sua liberdade corroída por forças dominantes, pautando-se apenas no sentimento imaginário ao invés de narrar honestamente os fatos contemporâneos, portanto são classificados por Orwell como seres egoístas.

Ao tratar da questão da liberdade intelectual o autor dirá que, o totalitarismo, de maneira equivocada, classifica a arte literária como apenas um divertimento, ou uma simples propaganda flexível que pode mudar facilmente de opinião. Sobre esse aspecto Orwell reflete dizendo que:

não há muita diferença entre um mero jornalista e o mais apolítico escritor de ficção. O jornalista não é livre, e tem consciência disso quando é forçado a escrever mentiras ou suprimir o que lhe parece uma notícia importante; o escritor de ficção não é livre quando tem de falsificar seus sentimentos subjetivos, que do seu ponto de vista são fatos. Ele pode deformar e fazer caricatura da realidade a fim de tornar seu sentido mais claro, mas não pode **falsear o cenário de sua mente: não pode dizer com convicção que gosta do que odeia, ou acredita no que não crê**. Se é forçado a fazer isso, o único resultado é que suas

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Literários (UNEMAT). Contato: thainaaroliveira@gmail.com.



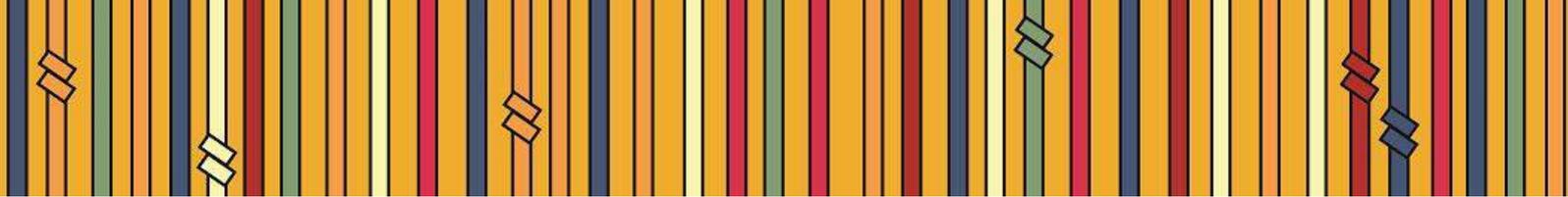
faculdades criativas secam. Tampouco pode resolver o problema mantendo-se distante de temas controversos. (ORWELL, 2011, p.113, grifo nosso)

Em síntese, não há literatura apolítica, sobretudo diante de contextos tão conturbados como as guerras e os regimes de opressão. Percorrendo as produções orwelliana, nota-se que a sua postura ideológica é muito marcante, no entanto, por mais que suas obras tenham esse caráter crítico e social bastante revelador, a partir do momento que ganharam traduções para o cinema tal posicionamento foi “falseado”, contrariando e revertendo os sentidos que almejava expressar através de suas metáforas e alegorias.

Como salienta Neto (1984), em sua biografia sobre Orwell,

A atitude que ele mais prezava, e que estava se tornando mercadoria rara, era justamente a decência em reconhecer que os fins não justificam os meios, que nenhuma causa, por mais progressista que seja, pode avançar se a maneira pela qual seus proponentes agem contradiz seus postulados. O desespero de Orwell era ver os ideais iniciais do socialismo, de uma sociedade de homens livres e iguais, serem postos de lado em nome de um ‘realismo’ político. Para ele, ‘realismo’ em política significa a doutrina de ‘considerar certo tudo aquilo que está do nosso lado’, especialmente se isso for traduzido em termos de poder real, defendendo o indefensável moralmente- em outras palavras, desonestidade. (p.8-9)

Tendo em vista que este estudo visa compreender a relação literatura e cinema, procuramos identificar como as adaptações fílmicas da obra *Animal Farm* captaram a essência do pensamento orwelliano. Escolhemos trabalhar com uma animação dirigida por Joah Halas e Joy Batchelor em 1954 e a adaptação de John Stephenson no ano de 1999. Cabe lembrar que, nesta obra, Orwell projeta críticas que refletem um contexto pós Revolução Russa. Nela os animais planejam um ataque contra o poder de dominação exercido pelos humanos. Um grupo liderado por porcos resolve expulsar o proprietário da fazenda onde residem, e após esse ato, ficam proibidas, entre os animais, manifestações inerentes à cultura dos homens. Aos poucos, tais proibições, reunidas em sete mandamentos, são quebradas pelos próprios líderes da revolução, resultando no fracasso do manifesto. Por meio da alegoria Orwell tece uma forte crítica ao contexto político da época.



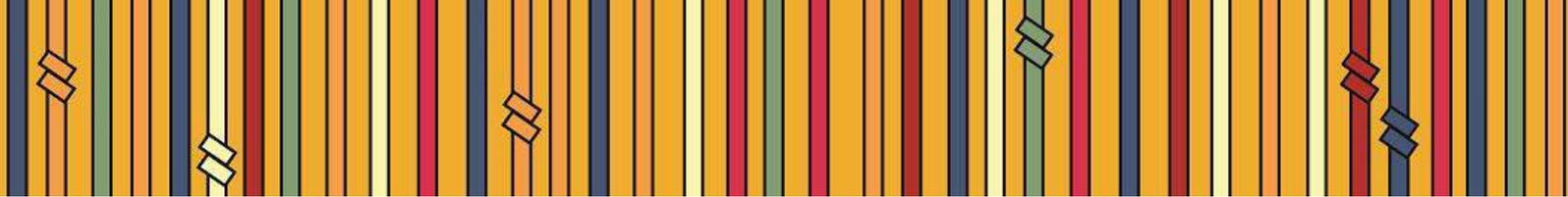
Para analisar esta narrativa comparativamente com as versões fílmicas, partimos do pressuposto que, assim como a literatura, o cinema é fruto do momento histórico, portanto, é preciso considerar o olhar do cineasta, qual a leitura que ele almeja realizar sobre a obra e quais conceitos e ideologias que imperam no período da transcrição para o contexto cinematográfico.

O filme clama para si olhares de outras formas artísticas, em um processo cultural complexo, um sistema que engloba inúmeras referências, tais como: técnicas da fotografia, da pintura e da música. Essas relações que fazem da literatura uma das principais fontes inspiradoras para o cinema, que recriam o cenário literário por meios de técnicas e recursos. Além disso, ao trabalhar com uma adaptação cinematográfica é preciso considerar sua autonomia, pois, embora esteja inserida no mesmo quadro semântico do texto original, inevitavelmente surgem pontos divergentes. De fato, não podemos fugir dessas ideias ao nos depararmos com a obra *Animal Farm* e as adaptações geradas a partir dessa narrativa.

### **1ª adaptação**

Em 1950, o Departamento de Pesquisa e Informação comprou os direitos do livro *Animal Farm*, que passou a servir como propaganda anticomunista, aguçando o interesse na criação do filme, que nasce em 1954 em um espaço de reconfiguração para atender as imposições anglo-americanas para a Guerra Fria. Após comprar os direitos da obra a produtora *Louis de Rochemont Associates* contrata John Halas e Joy Batchelor, grandes nomes na produção de animações e em produções encomendadas por entidades americanas.

Aspectos como as características dos personagens e os *Slogans* criados por Orwell, tornaram-se alvos de discussão no momento em que o filme foi produzido. Acrescenta-se a esse fato as intromissões externas sofridas pela adaptação a fim de atender as exigências comerciais, acarretando atraso da produção. Além disso, o roteiro foi encaminhado à Diretoria de Estratégia Psicológica, responsável pelo combate a União Soviética, que solicitou alterações para o encaixe na ideia de propaganda contrária ao regime soviético. Mesmo com as interferências de entidades americanas, a adaptação realizada em 1954 conseguiu manter a essência de uma fábula com teor político, porém, as mudanças ocorridas acabaram por subverter elementos significativos da obra de Orwell.



Adentrando especificamente na representação fílmica percebemos algumas cenas que nos chamam atenção. O filme inicia com um contraponto entre imagens, um ambiente colorido marcado pela primavera, que não consegue aplacar a precariedade da fazenda do Senhor Jones; um homem entregue as bebidas e que maltratava seus animais. O cenário colorido não condiz com a cena da narrativa orwelliana, que inicia com a descrição sobre o comportamento do proprietário da fazenda.

Por conta das explorações, da falta de cuidados e das agressões; o Velho Major, um porco ancião, reúne os bichos de modo a despertá-los para os abusos sofridos. Na ocasião deste encontro, os porcos chegam primeiro e ocupam os melhores lugares, cena a qual simboliza um anúncio do que estaria por vir, isto é, o comando dos porcos na nova era da fazenda. Outra questão que merece destaque nesse episódio é a figura do gato e do cachorro, pois em nossa sociedade esses animais são conhecidos pela inimizade entre eles, porém, a obra os aproxima em um momento decisivo na narrativa, mostrando simbolicamente a união que deveria existir entre os animais; fato que posteriormente não acontecerá.

Uma das grandes máximas apontadas pelo velho Major, fortemente marcada no filme é de que, assim que os animais conseguissem livrar do senhor Jones, eles deveriam seguir uma atitude diferente desse que só os maltratava. Após proferir os mandamentos e dar início a uma canção, espécie de hino que fora entoado por todos, o Velho Major morre. Este episódio é muito importante, pois instaura um novo espaço na fazenda, momento que na narrativa orwelliana, tarda a acontecer.

Os primeiros meses foram muito promissores e *Snowball*, que comandava o novo espaço, queria difundir isso para as demais fazendas. Nesse episódio, o filme demonstra muito bem a ideia de Trotsky de internacionalização do socialismo. Ao propor solucionar o problema de energia da fazenda, *Snowball* sofre um golpe arquitetado por *Napoleon* e seus cães guardas, que acabam o expulsando do território. A partir de então os animais iniciam a construção de um moinho, os quais dedicam longas jornadas de trabalho privando dos cuidados básicos com o bem estar. Surge um novo momento na fazenda, caracterizado por um comportamento mais austero, semelhante aos homens e quebrando as regras dos mandamentos. Alguns animais são mortos por fazerem rebelião contra o sistema; outro, como o caso de Sansão, um cavalo muito admirado pela



dedicação ao trabalho, morre de tanto trabalhar e, ao invés de receber cuidados, é vendido como matéria-prima na fábrica de sabão.

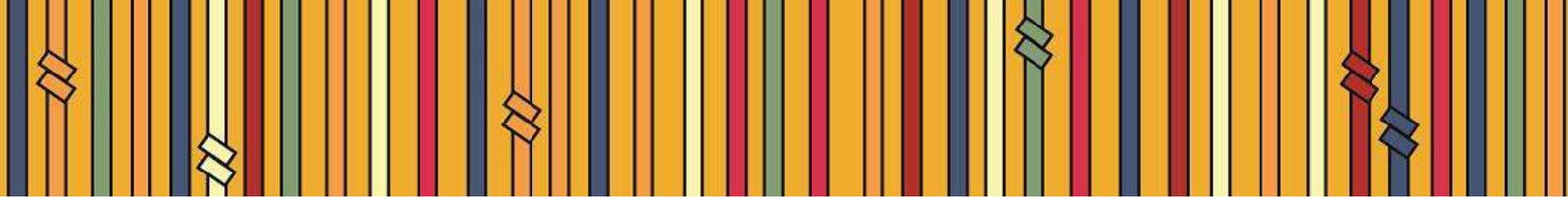
Essas cenas apresentam alterações sutis em relação à narrativa orwelliana, porém, o final demonstra uma ideia contrária ao que Orwell procurou demonstrar em sua obra. No filme, após a segunda batalha contra os humanos, instaura-se na fazenda um cenário de prosperidade, mas ao mesmo tempo de desigualdade e exploração. Os animais observam os porcos e, nesse momento, pela visão de Benjamin, a imagem se embaralha como se homens e porcos tornassem um só. Os bichos se revoltam e destroem a casa dando a entender o fim de uma era. Esse desfecho exala certo otimismo em relação a um novo sistema, ponto em que reside a ideia da campanha publicitária do filme financiado pela CIA, isto é, mostrar o socialismo como um modelo opressor e falho, e que o capitalismo, defendido pelos Estados Unidos, era uma alternativa.

## **2ª adaptação**

Em 1999, *Animal Farm* recebeu uma nova versão fílmica dirigida por John Stephenson, em uma produção desenvolvida para a televisão e sem muitos recursos técnicos. Assim como na versão produzida em 1954, essa adaptação apresenta mudanças em relação à obra de Orwell. O fator que mais se desintegra do livro é a propaganda a favor do capitalismo que fica subtendida no filme e materializada, sobretudo, no desfecho da história. Consta nas informações técnicas que a obra pertence ao gênero drama, produção executiva de *Robert Halmi*, direção de *John Stephenson*, roteiro de *Alan Janes* e *Martin Burke*, produzido por *Hallmark Entertainment* e distribuído por *Flashstar*.

Este filme apresenta mais alterações na história original do que a adaptação de 1954. O primeiro elemento que se difere é a figura do narrador, pois a versão fílmica é narrada pela cadela Jessie, que se coloca na história e expõe um pensamento crítico sobre a vida dos animais, e a conscientização da diferença entre o animalismo proposto pelo Velho Major e o praticado por *Napoleon*. Essa personagem não recebe grande visibilidade na obra de Orwell, que, aliás, na tradução em Português recebe o nome de Lulu.

O filme inicia com a narração de Jessie expondo um cenário de ruínas sob uma grande tempestade. Segundo a fala da personagem, as construções feitas em bases erradas, possui um fim, assim como aconteceu com *Napoleon*. Percebe-se que essa cena



dá indícios de um governo com estrutura fraca e opressora, mas que chega ao fim. No nível estrutural do cinema, um recurso narrativo muito usado e que podemos identificar nessa e em outras passagens do filme é o *Flashforward* ou, simplesmente, prolepse. Assim como o flashback, este recurso trata-se de uma distorção no nível narrativo. A prolepse ocorre quando há uma antecipação no discursivo, ou seja, quando a cena traz indícios de algum elemento que ainda acontecerá, portanto, a aplicabilidade dessa técnica pode instigar o espectador.

Além desses elementos, o filme intensifica a morte do Velho Major, que após mobilizar os animais para uma revolução é baleado e morto. Essa ação é precedida do momento de preparo da carne do animal, oferecida a Jessie que recusa horrorizada com a cena. Posterior à revolução dos animais, eles adentram a casa de Senhor Jones e se deparam com um episódio que os deixam hipnotizados; havia uma televisão veiculando um filme de Charles Chaplin. Implicitamente, podemos depreender desta cena o poder dos meios de comunicação em atingir a massa.

O episódio que merece destaque é o final da adaptação fílmica em que, após os porcos se igualarem aos humanos, eles acabam levando o fracasso da revolução. A produção termina com o retorno dos humanos à fazenda, materializado na chegada de uma família que simboliza uma espécie de aceitação do capitalismo como uma salvação, uma nova forma de crescimento. Assim como na versão de 1954, a ideia de propaganda a favor do capitalismo americano se concretiza no final da representação fílmica.

### **Algumas considerações**

Na ocasião de publicação da obra, George Orwell escreveu um prefácio, o qual discutia os consequentes entraves para publicá-la e sobre a liberdade de expressão. Esse texto pode ser encontrado na edição brasileira de 2011 da Companhia das letras e no livro *Como morremos pobres e outros ensaios*, uma vez que, no ano de lançamento, o prefácio não pode sair impresso devido o conteúdo crítico do assunto tratado.

*Animal Farm* começou a ser produzida em 1937, é concluída em 1943, e logo em seguida tem início à saga de Orwell a procura de uma editora, porém foi recusada por várias justamente por questões políticas que consideravam a obra ofensiva ao modelo soviético, ainda mais por utilizar a figura de porcos como referência a grandes ditadores russos. O Ministério da Informação temia a opinião pública, pois a União Soviética,



durante a Segunda Guerra Mundial, era aliada dos Estados Unidos e da Inglaterra contra o nazismo alemão.

Ainda nesse prefácio o autor volta a falar sobre certa “covardia intelectual” que os escritores e jornalistas são sujeitados, tendo em vista que a imprensa britânica era controlada por homens ricos que não compartilham de certas verdades. Reside nesse aspecto uma ortodoxia dominante que acomete a sociedade, realizando uma censura velada que silenciava os que ousassem desafiar essa ortodoxia. No momento da escrita de Orwell a doutrina vigente prezava pela admiração à Rússia, portanto, críticas ao sistema soviético não tinha espaço para divulgação. O autor afirma:

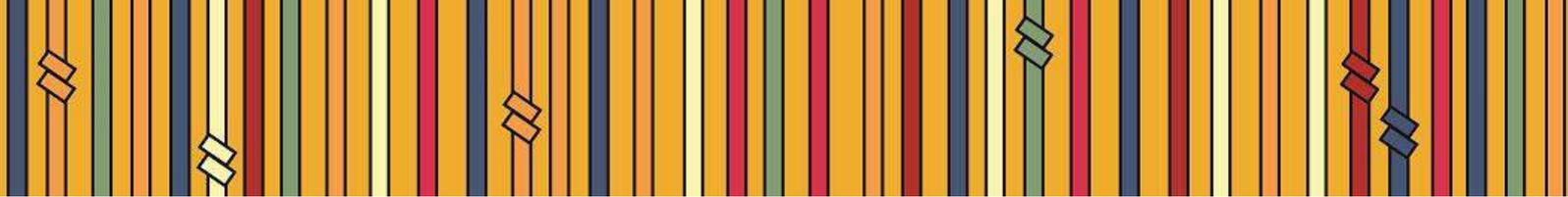
O inquietante é que, sempre que a URSS e sua política estão em jogo, não se pode esperar críticas inteligentes nem, em muitos casos, pura e simples honestidade dos escritores e jornalistas liberais, que não sofrem pressões diretas para falsificar suas opiniões. Stálin é sacrossanto, e certos aspectos de suas diretrizes não podem ser seriamente discutidos. (ORWELL, 2007, p. 131)

Em face desses aspectos, o conceito de liberdade, então, consiste em dizer qualquer coisa, “desde que ela mostre aquilo que querem ouvir”. Como já informado, Orwell é muito crítico nas suas proposições, vejamos o que ele diz:

[...] pode ser que, no momento em que este livro finalmente chegar ao público, minha visão do regime soviético tenha se generalizado. Mas de que isso, por si só, vai adiantar? A troca de uma ortodoxia por outra representa necessariamente um avanço. O inimigo a mentalidade de gramofone, concordemos ou não com o disco que está sendo tocado agora. (Ibidem, p. 127)

De fato, *Animal Farm* só foi publicada quando mudou a visão sobre a União Soviética, demonstrando que a liberdade de expressão ainda era algo distante nessa sociedade. O livro foi importante para mostrar o posicionamento do autor, que vivenciou as guerras e via o socialismo como uma mudança. Nesse sentido, a crítica emanada pelo livro é sobre todos os sistemas autoritários e não somente sobre o socialismo em si.

Em uma das cartas enviadas por Orwell, inseridas no livro *Uma vida em Cartas*, o autor escreve que sua intenção com *Animal Farm* era,

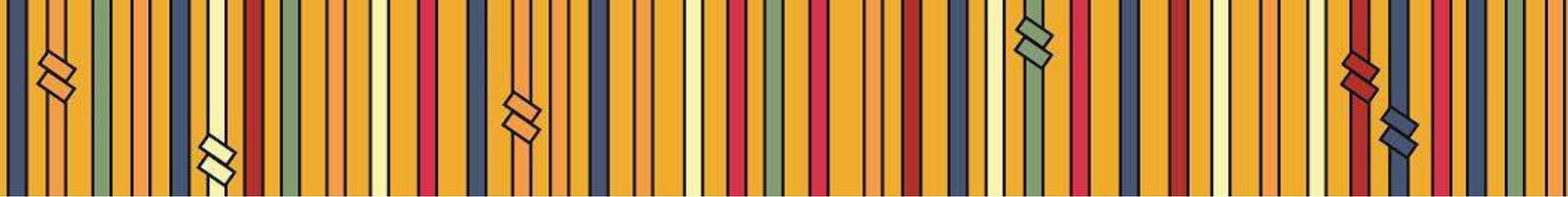


que fosse uma sátira à revolução russa. Mas eu queria que tivesse uma aplicação mais ampla, na medida em que pretendia dizer que *aquela* tipo de revolução (revolução conspiratória violenta, liderada por pessoas inconscientemente sedentas de poder) só pode conduzir a uma mudança de senhores. Eu queria que a moral fosse que as revoluções somente produzem uma melhoria radical quando as massas estão atentas e sabem como se livrar de seus líderes tão logo eles tenham feito seu trabalho. O momento decisivo da história deveria ser quando os porcos ficam com o leite e as maçãs para si [...]. Se os outros animais tivessem o bom senso de bater o pé naquele momento, então tudo teria ficado bem. Se as pessoas acham que estou defendendo o *status quo* é porque, penso eu, elas ficaram pessimistas e supõem não haver alternativa exceto a ditadura ou o capitalismo *laissez-faire* [sem interferência regulatória do governo]. [...] O que eu estava tentando dizer era: ‘Você não pode ter uma revolução a menos que a faça para si mesmo; não existe ditadura benevolente. (ORWELL, 2013, p. 331)

Logo de início, a obra *Animal Farm* nos coloca diante de um cenário oposto a uma *Fairy story*, uma vez que, notamos não se tratar de uma simples fábula, mas de uma produção que questiona o abuso de poder e o processo exploratório. Em um primeiro momento os animais criam uma sociedade igualitária, porém aos poucos esses ideais de igualdade se diluem em um espaço arbitrário. Tal painel possibilita o comparativo da obra com o próprio contexto da Revolução Russa, classificada por Eric Hobsbawm (1995) como uma Revolução Mundial, o evento mais marcante do século XX, cujos antecedentes mostram a crise enfrentada por esse país, por ainda ser essencialmente agrário e comandado por um czar.

A revolução, portanto, consistiu em eventos políticos que discutia como desenvolver o socialismo de Lenin no país; já que, após a sua morte, Trotski e Stalin passaram a disputar o poder e a liderança do partido Comunista. Enquanto o primeiro objetivava uma política internacionalizada, o segundo defendia que o socialismo fosse praticado somente na União Soviética. Com a vitória de Stalin ao poder Trotsky é assassinado.

*Animal Farm* e suas adaptações para o cinema conseguiram absorver a ideia da Revolução Russa, mostrando a questão agrária a partir do cenário rural, e governo monarca absolutista através do proprietário Sr. Jones. Além disso, o posicionamento de Marx em prol dos operários é representado do Velho Major, Trotski e Stalin simbolizam, respectivamente, Snowball e Napoleon.



Cabe, porém, insistir que Orwell era socialista, mas não aos moldes do que estava sendo desenvolvido na União Soviética, por conta disso a escrita de *Animal Farm* atacando esse sistema. O socialismo defendido pelo autor era democrático e não totalitário, que atuasse no interstício com o capitalismo. Mesmo com todo esse pensamento crítico, no contexto da Guerra fria, o livro adquiriu novos sentidos através dos olhos americanos, que, portanto, atribuiu a narrativa um caráter propaganda anticomunista. Após a morte do escritor, a CIA *Central Intelligence Agency* (Agência Central de Inteligência)<sup>2</sup> comprou e financiou a divulgação da obra, culminando inclusive na criação de uma adaptação em desenho e outra no formato televisivo, manipulando os sentidos do texto, como vimos anteriormente. Essa foi uma maneira encontrada pelos Estados Unidos para levar o sistema capitalista para o mundo.

Na atualidade, após inúmeras reflexões sobre os trabalhos orwellianos e a distância temporal do contexto de produção da obra, podemos dizer que a verdadeira intenção do autor transparece em suas produções, desnudando um caráter crítico perante a realidade. Diante das adaptações fílmicas questionamos o que de fato levou a obra a ser distorcida pelo cinema. A resposta seria justamente que a natureza contextual e ideológica são marcas particulares das formas artísticas. Em síntese, a criação cinematográfica, seja a partir de uma obra literária ou não, é sempre uma produção cerceada por características inerentes ao momento de produção e circulação.

*Animal Farm* foi publicado no período da Guerra Fria, em que o clima de uma guerra iminente estava impregnado no espaço; além do mais, havia uma intensa disputa por questões políticas e ideológicas, sobretudo marcadas pela evolução dos meios comunicações, que, como sabemos, acaba se tornando um máquina manipuladora. As adaptações fílmicas foram favoráveis aos Estados Unidos, que precisavam melhorar a sua projeção mundial, já que após as explosões das bombas de Hiroshima e Nagasaki a visão sob o país acabou sendo desfavorecida e nesse sentido o livro de Orwell foi importante para assumir uma propaganda a seu favor, transformando uma obra que é anti-imperialista em um texto anticomunista.

O final desenvolvido por Orwell mostra que tanto o imperialismo quanto socialismo acabam sendo políticas desiguais. Ambos os filmes, de 1954 e 1999,

---

<sup>2</sup> A CIA - *Central Intelligence Agency* (Agência Central de Inteligência) é uma agência ligada a segurança nacional americana responsável por captar fontes humanas.



mostram a alegoria da Revolução Russa, com as metáforas dos representantes do sistema, porém alteram o sentido do texto. Além do acréscimo e retirada de personagens, há cenas muito ilustrativas que diferem da obra. Chamamos atenção para o início e o final do livro e das suas adaptações.

A narrativa orwelliana inicia com a descrição do Senhor Jones como um homem bêbado, e logo em seguida começa a reunião dos animais, em que o Velho Major explica o animalismo (representação do socialismo científico de Karl Marx). O porco ancião anuncia o fim dos seus dias, mas que antes disso acontecer queria transmitir informações que aprendeu com o mundo. O homem é colocado como o causador da fome e da sobrecarga de trabalho, portanto, o Velho Major lança uma mensagem de rebelião, dizendo que o fim dos humanos significaria o término dos problemas. Após três dias da reunião este personagem morre enquanto dormia, e fica designado aos porcos *Snowball* e *Napoleon* “instruir e organizar” o animalismo.

A versão fílmica de 1954 inicia com uma imagem colorida, começo de primavera e logo em seguida a representação das maldades do Sr. Jones. A reunião dos animais acontece após esse episódio e o Velho Major morre durante o encontro dando profundidade a morte do personagem. No filme de 1999, o início se configura de maneira mais trágica e degradante, a cena de tempestade é aos poucos transformada na exploração dos animais. O velho Major morre baleado durante a reunião e os seus restos mortais são oferecido à cadela Jessie, a narradora da história, que recusa se alimentar dessa carne. Como vimos, esta versão é a única que intensifica o personagem narrador.

Enquanto ao desfecho das produções, podemos dizer que a obra de Orwell é a mais pessimista ao mostrar a união de porcos e humanos, representando que o novo e o velho no sistema opressor encontram-se em um mesmo nível, o que gera fracasso e dano para a sociedade. Na primeira versão fílmica, pelo formato de ser desenho animado, os autores precisavam imprimir um “final feliz”. O desfecho passa a demonstrar a imagem antissoviética isentando o capitalismo da crítica de Orwell. Os animais perceberam as atitudes dos porcos se igualando a dos homens e os destroem. Na versão de 1999 o final positivo é caracterizado pela chegada dos novos donos da propriedade de Senhor Jones, representando uma família capitalista e, conseqüentemente, um novo sistema para a fazenda, pois o episódio acontece após uma tempestade e destruição.



Ao propor a leitura do livro em comparação com os filmes, objetivamos demonstrar que nem sempre a adaptação fílmica e a obra literária são iguais, mas sim que as diferenças apontam as singularidades de cada formato de expressão, que são, simultaneamente, díspares e complementares. Diante dessas ideias, não podemos cair no erro de considerar que a adaptação deva ser fiel à obra literária, pois cada espaço semiótico apresenta características própria que revelam traços do contexto de produção e circulação.

### **Referências bibliográficas**

*Animal Farm* (A Revolução dos Bichos). Direção de John Stephenson. Roteiro de Alan Janes e Martin Burke. Baseado na obra de George Orwell. Hallmark Entertainment e TNT Presents: EUA, 1999. 91 min.

*Animal Farm* (A Revolução dos Bichos). Direção: John Halas e Joy Batchelor. Roteiro: Joy Batchelor, John Halas, Lothar Wolff, Borden Mace e Philip Stapp. Baseado na obra de George Orwell. Animação. Distribuição: Versátil. EUA 1954. 72 min.

ORWELL, George. *Uma Vida em Cartas*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. *Como morrem os pobres e outros ensaios*. Seleção de textos João Moreira Salles e Matinas Suzuki Jr.; tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *A Revolução dos Bichos: um conto de fadas*. Tradução de Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia Das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Animal Farm: a fary story*. London: Penguin Student editions, 1999.

\_\_\_\_\_. *Porque escrevo*. Tradução de Eduardo Castro (2004). Disponível em: <http://ecastro.com.sapo.pt/Orwell.pdf>. Acesso em: 05/06/2017 às 18h.

HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos*. O breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NETO, Ricardo Bonalume. *George Orwell: a busca da decência*. São Paulo: Brasiliense, 1984.